

O *Butoh* da Discípula¹ (carta a Natsu Nakajima)

Tatsumi Hijikata²
Japão

Nós, homens contemporâneos, não vivemos estabelecendo relações com a pele que abandonamos. (Agora *butoh* é uma dança que pressupõe tempo de crescimento / decrescimento e o diálogo). Os homens de hoje, cheios de más intenções, criam sinais e sistemas de códigos para expressarem a si mesmos nas suas relações com o mundo.

Esta pele que nos separa é arrancada violentamente do corpo, mas ela é a nossa própria terra e morada. Numa relação provável com o corpo, uma vez mais, como se fosse pele abandonada, caminham juntos na ilusão de estarem unidos. Em detrimento disso, eu acredito que “os homens de antigamente valorizavam muito o contato com a sola dos pés.”

Inseguros nos seus olhos cerrados e conscientes do medo da corrida no escuro, os homens de hoje não testam a si mesmos no confronto com a escuridão. E entrando no interior do corpo invisível, podemos ficar perdidos. Ser ameaçado pelos próprios olhos é assustador; entretanto, não podemos efetivamente confiar na dança de olhos abertos. A estrutura da sociedade funciona de acordo com a mente e, portanto, os homens de antigamente viviam como cegos, sem pensamentos maus e sem fugirem do perigo.

No corpo nós temos a parte frontal e as costas, e mesmo nos momentos de grande perigo os mortos auxiliam os vivos que persistem sem cessar na luta pela vida. Dentro da história pessoal de cada indivíduo, os mortos inconscientemente auxiliam também na evolução da vida. O *butoh* está presente no nascimento e na morte. No *butoh*, o

¹ HIJIKATA, Tatsumi. *O Butoh da Discípula*. Tradução por Lúcia Yagyū, 1991. Tradução de *Sleep and Reincarnation from the Empty Land*, espetáculo montado com atores do Lume e dirigido por Natsu Nakajima.

² Criador, juntamente com Kazuo Ohno, da dança *Butoh*.

pensamento cotidiano desaparece e o pensamento mais profundo vem à tona.

A qualidade de expressão do *butoh* surgiu do espírito bruto e do sentimento de abandono escondidos nas pessoas. As crianças sujas são as que possuem o maior direito ao *butoh*. Isto porque são as crianças que constroem as mais belas formas.

Estas formas podem estar relacionadas com o jeito de andar da criança sob a luz obscura e com o ruído da criança que, punindo esta luz, choraminga. E podem se assemelhar ao cochilar do velho magro com o velho dormente que, juntos, deitam lado a lado.

O *butoh* deve ser apreciado tão enigmaticamente quanto a vida. Afinal, não temos certeza se isso é uma armadilha ou uma secreta relação com alguma coisa ou, conforme a ilusão, o rastro do criminoso. Quando criança, você também foi abandonada numa vida de impressões que, vistas e ouvidas, permaneceram na memória. Essas impressões agradáveis e desagradáveis, misteriosas e peculiares são naturalmente as bases do *butoh*. Como nós ainda não somos seres totais, estas impressões devem ser o conteúdo e a fonte do *butoh*.

Você espia o *butoh*, entra no *butoh* e, conforme o *butoh*, você é dançado. Você vê a sua vida como “coisa”, mas conseguindo transformá-la, seu *butoh* se mostrou delicado, minucioso, significativo e vital. A vida estava colocada no caminho do bem. Vendo uma força inimaginável, procuramos a vida suja no esconderijo e denunciemos - a vida. São somente coisas artificiais? A beleza também é irreal? Pesquisar profundamente a sua própria vida em toda parte de acordo com o *butoh*, isto é você.

Você não deve ser consumida pela sociedade como corpos cobertos por pernilongos nem dela se afastar. Corpos distantes, penetrando em suas próprias feridas, isto também é o japonês original.

Felizmente, o seu *butoh* se utiliza da sombra como espelho. Poucas pessoas compreenderam. Isso foi bom.

Desta vez, como peregrina caminhe, entre pobres e doentes, carregando consigo a miséria do Japão. Caminhe junto com a compaixão.

Escrevi até aqui. Não sei o que aconteceu. Duas libélulas aleijadas voando sob o botão das flores se refletiam nos meus olhos. Eu me apressei e disse “desculpe” à sua mala de viagem e te aconselho a levar *akebi*, uva silvestre, *niboshi* e doce de abóbora; eu suplico que dance lírico “flor branca de ameixeira”, com a dignidade e sabedoria arduamente conquistadas.

Ah! Denunciados como fundadores do recém-criado *butoh*, não temos ninguém que nos exorta. Portanto, só nos resta abandonar a língua sob a chuva.

Querida discípula, eu agora sou um sapo que se distanciou da sombra dos meus anseios.

Abril, 1984